

# A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

VOL. I.

DOMINGO 6 DE ABRIL DE 1856.

N. 18.

## PARTE LITTERARIA.

### AS AMERICANAS.

Com este titulo vamos hoje encetar uma serie de poesias do nosso illustrado collaborador o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva; e sobre as quaes chamamos não só a attenção, como o estudo dos nossos homens de letras, e dos nossos leitores em geral.

As AMERICANAS não são poesias para serem consideradas pelo lado artistico e rethorico das formas, são objecto de estudo transcendentel, por que elles são o transumpto de uma opinião capital na historia da litteratura brasileira, qual é a de haver uma poesia puramente nacional, trazendo a sua origem das teogonias indias.

Sobre este importante assumpto, tem o nosso illustrado e incansavel collega escripto uma historia da litteratura nacional, da qual já leu no Instituto Historico os primeiros quatro capitulos, com approvação e applauso das pessoas que tem assistido a essa exposição académica.

Os estreitos limites da nossa folha não nos permitem acompanhar estas poesias com todas as eruditas notas, que nos enviou o Sr. Souza e Silva; mas não deixaremos de transcrever as indispensaveis ao conhecimento de algumas passagens do texto.

A collecção de poesias que o Sr. Souza e Silva se dignou oferecer a esta redacção intitulam-se — « AMERICANAS, cantos tradicionaes dos Nheengácaras, ou Bardos do Brasil. Temos já em nosso poder *Nheengapotira*, bardo dos Tamoyos de Guanabara, que publicaremos; *Ybyangaturama*, ou a terra das almas justas; *Mair-Monan*, origem do Tupá, ou do Trovão, *Ygapo-oçú*, ou o diluvio dos Tamoyos; *Jaty, Uboboca*, ou a cobra coral; *Marumonhagaba-giba*; *Mereba-ayba*, ou a epidemia das bexigas.

As AMERICANAS são dedicadas ao Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre; eis aqui as proprias palavras do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva,

« São estas poesias inspiradas pelos cantos tradicionaes de nossos nheengácaras ou antigos bardos, e dedicados ao meu amigo o Sr. M. de Araujo Porto-Alegre, como uma prova de consideração ao autor das *Brasilianas*, e da grande epopéa do descobrimento do Novo Mundo, e das quaes por em quanto só viram a luz as poesias de *Nheengapotira*, a flor do canto, um dos ultimos bardos dos Tamoyos de Guanabara.

Não ha aqui espaço para dizer sobre elles o muito que pede o assumpto, e agora que o *rochacitismo* condemna o *ararigboismo*, ou antes a *poesia americana*, segundo a denominação do illustre poeta dos *Primeiros Cantos*.

Aguardo-me para a publicação da *Historia da litteratura brasileira*, onde no 1.<sup>o</sup> capitulo do 2.<sup>o</sup> livro trato—Das tendencias dos selvagens para a poesia—Tribus que mais se avantajaram em sua cultura—Usos, costumes, jogos e danças dramaticas, crenças e mythos favoraveis a essas tendencias.—Thevet, Lery, Hans Staden, Simão de Vasconcellos, etc.—Da lingua e suas canções tradicionaes, transmittidas por Montaigne, Spix, et Martius, etc. » Para suprir, porém, essa falta em parte, que não no todo, recorrerei a algumas notas extrahidas das obras dos supracitados autores. »

### MONAN

#### GENESIS DOS TAMOYOS

#### CANTO TRADICIONAL.

#### I.

Escutae, ó Tamoyos guerreiros,  
Este canto de nossos avós;  
Elles foram na terra os primeiros,  
E esse canto o sabemos só nós. (1)

(1) Os portuguezes alteraram o nome dos *Tamuias* em *Tamoyos* e os franceses em *Toupinamboults*. Eram elles os directos descendentes dos *Tupis* e seu nome significa *avós*, com o que se apropriavam a ascendencia sobre as mais tribus que d'elles descendiam, e de seus inimigos receberam o nome de *Tupi-imbás*. Eram os depositarios das tradições brasileiras. A respeito da divergencia dos nomes que lhe davam os seus aliados e seus inimigos europeus, apresenta o

Quem creou, quem formou esta terra,  
Foi Monan, (2) — sem principio — sem fim ;  
Mas o mar — que a circunda — que a encerra,  
Não foi elle quem no fez assim !

Era a terra assaz plana e unida  
— Sem montanhas — sem nuvens — sem véo,  
Dava tudo o que é útil á vida  
Pelo influxo do orvalho do céo.

N'ella os homens viviam contentes,  
Sempre em braços da paz e do amor,  
— Sem soltar ais dos peitos dormentes,  
— Sem verter um só pranto de dôr !

Porém ah ! que a discordia n'um dia  
Essa vida de paz destruiu ;  
E Monan, que com elles vivia,  
Ah ! Monan d'entre elles fugiu !

Mas Monan se vingou — d'essa affronta,  
— D'essa injuria, — d'essa ingratidão :  
Inda ahi o vestigio se aponta ;  
Vêde a terra inda em cinza e carvão !

Vós me ouvis, ó Tamoyos guerreiros,  
Mas não quero que o saiba ninguem !  
Esse povos que são derradeiros,  
Nheengaçaras (3) ou bardos não tem.

## II.

Eu prosigo, ó Tamoyos valentes,  
Este canto de nossos avós ;  
Elles foram na terra ascendentes,  
E esse canto o sabemos só nós.

Sobre a terra de ingratos descêra  
Tata, (4) fogo terrivel do céo,  
Que esta terra em incendio pozéra,  
A cobrindo de chamas com um véo.

Mas Tata na vingança, na ira  
Uma parte da terra abateu,  
E outra parte, que mal destruira,  
Outra parte elevou, suspendeu.

Sr. Ferdinand Denis a seguinte consideração : « Il est probable qu'au temps de leur prospérité, les dominateurs de Bahia et d'une portion de la baie magnifique de Rio de Janeiro, aimoient à se designer ainsi en parlant aux françois. Les portugais qui étaient habituellement en guerre avec eux, les désignoient simplement par le nom que leur donnaient les peuples brésiliens du littoral. » *Une fête brésilienne*, pag. 91.

(2) *Monan* ou *Monhan* significa *criar*, *edificar*; *Monhangara*, *criador*.

(3) *Cantores*, *bardos*, *poetas*.

(4) *Fogo*.

E no incendio terrivel, estranho,  
Desigual toda a terra ficou !  
Que terror ! Que suppicio tamanho !  
Só um homem, — só um escapou !

Desde então toda a terra tornou-se  
N'estes montes de conta sem fim !  
Mas no incendio, em que tudo abrazou-se,  
Ficou negra — fumante — ruim !

Sobre a terra — sósinho — isolado  
Ei! ahi — eis Irin o Magé, (5)  
Que só foi por Monan preservado  
Como dice Maira, (6) pagé.

Vós me ouvis, ó Tamayos guerreiros,  
Mas não quero que o saiba ninguem ;  
Esse povos, que são derradeiros,  
Nheengaçaras ou bardos não tem.

## III.

Eu prosigo ó Tamoyos valentes,  
Este canto de nossos avós ;  
Elles foram na terra ascendentes,  
Esse canto o sabemos só nós.

E Irin só na terra vagava,  
E o que via ? — Destroços sem fim !  
Entre ais, que do peito arrancava,  
A Monan expressava-se assim :

— « Tambem queres, Monan inclemente,  
De teu céo destruir o explendor ?  
Eis a terra, onde eu posso sómente  
Narrar toda a sua historia de horror.

« E onde agora será minha taba ? (7)  
Quando eu outra mulher hei de ter ?  
Ah ! Monan, esta vida me acaba,  
Ou me dá com quem possa viver. »

E Monan se mostrou pesaroso  
E tocado de pena e de dó,  
— Vendo a terra em destroço horroroso,  
— Vendo o homem na terra tão só.

(5) Ignoro a significação d'esses nomes.

(6) O grande pagé *Mair-Monan*. *Maira*, segundo Simão de Vasconcellos significa homem branco, mas esta definição não satisfaz; talvez signifique antes homem misterioso, como o queria Sr. Ferdinand Denis, apoiado em Ruiz de Monsoya, derivando-se de *mbrá*, quem é !

(7) Aldêa.

E por isso elle as nuvens formando  
Sobre a terra ordenou de chover,  
E Yg, (8) os rios do céo entornando,  
Apagou inda os troncos a arder.

Mas as aguas p'ra o céo não voltaram,  
E a torrente aos abyssmos desceu,  
E baixando dos montes formáram  
*Paranán*, (9) que depressa cresceu.

*Paranan* — esse mar que nós vemos,  
Qu'inda a cõr d'essa cinza em si tem ;  
*Paranan* — do qual nós não bebemos,  
Que amargura em suas aguas contem.

Vós me ouvis, ó Tamoyos guerreiros,  
Mas não quero que o saiba ninguem ;  
Esses povos que são derradeiros,  
Nheengaçaras ou bardos não tem.

## IV.

Eu prosigo ! ó Tamoyos valentes,  
Este canto de nossos avós ;  
Elles foram na terra ascendentes,  
E esse canto o sabemos só nós.

E Monan viu que a terra era bella,  
Como nunca a podéra formar,  
Qual de um cinto de anil, toda ella  
Circulada das ondas do mar !

E a Irin ordenou que colhesse,  
Que colhesse no prado uma flôr,  
E a beijasse e em seu leito a tivesse,  
Que seria a sua socia de amor !

Entre os troncos de esbelta palmira,  
Terno Irin sua *ini* (10) suspendeu ;  
Accendeu d'ella em torno fogueiras,  
E co'a flôr á sua *ini* se acolheu.

E nos braços da bella a mais bella  
Meigo Irin todo amor accordou,  
E Potyra, (11) mais alva que a estrella,  
Como ibirapitarga (12) ficou.

— Eis porque nasce tão desmaiada,  
— Eis porque nasce branca essa flôr,  
Que depois, pelo dia corada,  
É do bosque mimoso primôr. (13)

(8) Agua.

(9) O mar.

(10) Rede.

(11) Flôr.

(12) Brasil, pau brasil, cisalpino.

(13) A flôr que inspirou a Santa Rita Durão  
estes tão bellos versos :

« Das flôres naturaes pelo ar brilhante  
É com causa entre as mais rainha a rosa,  
Branca sahindo a aurora rutilante,  
E ao meio dia tincta em cõr lustrosa.

E a terra de novo tornou-se  
Com mil entes mais bella e louçan,  
Mas de Irin sobretudo gerou-se  
Carahyba, (14) Maira-Monan.

Vós me ouvis, ó Tamoyos guerreiros,  
Mas não quero que o saiba ninguem ;  
Esses povos que são derradeiros,  
Nheengaçaras ou bardos não tem.

## V.

Eu prosigo, ó Tamoyos valentes,  
Este canto de nossos avós ;  
Elles foram na terra ascendentes,  
E esse canto o sabemos só nós.

Carahyba foi grande profeta,  
E chamou-se Maira-Monan,  
— Já por sua sciencia completa,  
— Já por ter o poder de Monan.

Foi Monan quem creou o que existe,  
E quem fez esta terra, e este céo,  
De vontade a que nada resiste,  
Que castiga a quem torna-se réo.

Carahyba d'elle possuia  
A sciencia, e o divino poder;  
Sómente elle na terra podia,  
Fazer tudo o que via fazer.

Elle as aves tornava em serpentes,  
As serpentes em monstros do mar ;  
E até mesmo a nós proprios viventes  
Em vis feras sabia mudar.

Eis porque Carahyba se chama  
A quem pôde fazer cousas taes ;  
Estrangeiros, que n'isso tem fama,  
Assim vós inda hoje chamaes.

Vós me ouvistes, Tamoyos guerreiros,  
N'este canto de nossos avós ;  
Sendo nós n'esta terra os primeiros  
Este canto não passe de nós !

## RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

(EXTRACTOS D'UM LIVRO INEDITO.)

## III.

« Continuei pois a viagem, sem occurrence  
notavel até o lugar de S. Bernardo. Aqui fui eu

(14) Caraiba significa geralmente o estran-  
geiro; a explicação d'esta definição acha-se na  
propria tradição.

tomar algum descanso em uma casa de hospedaria, tabernagem ou como melhor haja : e pedi alguma refeição. Passado muito tempo, trouxeram carne de porco com farinha, unico conduto que ali havia, porque o pão é raro encontrar-se n'estes lugares, posto que o substituam por biscoitos, o que ainda assim não sucedeu d'esta vez. É escusado dizer que nada tomei, e que, no mesmo estado em que entrára, proseguí a viagem, deplorando o tempo de duas boas horas que havia esperado, e durante as quaes chegára a desesperar. A falta de bons pousos ou hospedarias é lamentada em todo o interior do Brazil, ainda nas estradas as mais frequentadas.

« É muito de sentir que pessoas aptas e industriosas, se não hajam estabelecido em paragens convenientes, para offerecer aos viandantes commodidades, que em tacs lugares são tão appetecidas, embora se exigisse algum excesso de preço.

« A estrada de Santos á S. Paulo, é por certo uma das mais frequentadas do imperio, e com tudo em um lugar como S. Bernardo, distante apenas tres leguas da capital da província, a sua unica hospedaria é uma taberna ou biuca,em que não ha nem pão, nem biscoitos, nem um serviço, já não digo bom, mas que ao menos não provocasse nauseas.

« Duas leguas antes de chegar á S. Paulo, o tempo começou á turvar-se, e a sentir-se ao longe duas trovoadas em direcções oppostas. Cheguei ao Ypiranga sem que a chuva se houvesse precipitado, nem a trovoada se houvesse approximado. Saí da liteira para observar esse lugar que tanto figura nos modernos fastos do Brazil.

« A celebriade do Ypiranga provem-lhe do notavel facto historico, que ahi teve logar.

« A independencia do Brazil, a sua desmembração da metropole, e o seu arvoramento em reino ou imperio, era uma idéa que fermentava de ha muito, e tomava vulto em muitas cabeças. O Sr. D. Pedro I, lugar-tenente de seu pai o Sr. D. João VI, tinha vindo passear á S. Paulo, que era um dos seus passeios favoritos, e deixara a regencia confiada á princeza real, e a administração dos negocios publicos ao ministerio e conselho dos representantes, em que era o principal influente José Bonifacio de Andrada e Silva que escreveu-lhe, dizendo que urgia quanto antes se proclamassem a independencia. Para trazer estas cartas se pôz a caminho uma ordenança, — a arrebentar cavallos — como se costuma dizer.

« Chegando a S. Paulo, e não encontrando a real personagem, continuou a viagem para San-

tos, e foi n'este lugar do Ypiranga, que o famoso e illustre fundador do imperio brasileiro leu o correio, que lhe fôra expedido.

« Mal o tinha acabado de ler, atirou o chapéo ao ar, e n'um transporte de entusiasmo gritou — *independencia ou morte*.— Este grito, que ia ter uma tão immensa significação nos seus ulteriores resultados, foi logo repetido por toda a comitiva, e pela guarda de honra, seguindo-se os acontecimentos que todos sabem, e de que estas duas palavras foram o verbo balluciante de um imperio, em cujos destinos futuros se fazem já antever acontecimentos épicos, e da mais ampla magnitude.

« A tempestade havia-se aproximado ; a chuva começava a cahir grossa e tepida, e tres trovoadas formando nas suas direcções uma especie de triangulo exerceles, detonavam-se no alto, assemelhando-se no seu estrondo assustador e medonho a aves de rapina, soltando gritos de carnificina.

« Antes de entrar na cidade, a distancia de meia legua, em um escampado desamparado de paredes e mesmo de arvores, a chuva precipitava-se como uma especie de tromba ; as rajadas do vento faziam balançar a liteira, que já estava toda alagada no interior, assim como eu, que me não tinha podido amparar com as cortinas, especialmente não podendo fazer uso do braço direito, ainda tolhido pelo rheumatismo.

« Era na realidade um spectaculo terrivel solemnemente magestoso esse no meio do qual eu me achava. As rajadas do vento, o estrepito da chuva, o espêdaçar medonho e assustador dos raios faziam entre si um concerto de tremenda agonia.

« Foi debaixo d'estas terriveis impressões, estando já a tempestade na sua ultima impetuositade, como um leão nos seus ultimos arrancos de vida, que eu entrei na imperial cidade de S. Paulo, todo alagado e n'um estado doloroso, que é mais para se imaginar, que descrever.

« À entrada de S. Paulo encontra-se á esquerda o cemiterio, e á direita o hospital. D'ahi a pequena distancia entra-se em um largo quadrado onde estão a cadeia, e duas igrejas, como symbolizando a justiça humana, e a misericordia divina. Desce-se depois pela rua de S. Gonçalo, modernamente crismada com o nome de rua do Imperador, e dá-se no pateo, ou terreiro da Sé. Ahi me fui hospedar em casa do Sr. deputado Dr. Rodrigues dos Santos, uma das primeiras capacidades politicas do Brasil.

R. d'A.

# A SEMANA.

## A COMMENDA DO SR. SINIMBU'.

Duas cartas de dois distintos caracteres politicos impressionaram o publico durante a semana finda.

O Sr. barão de Quaraim, (Pedro Rodrigues Fernandes Chaves) contesta que a commenda de brilhantes offerecida ao Sr. Sinimbú fosse a legitima expressão do espirito publico da sua província: aggriide a administração do ex-presidente n'um estylo violento, e com allusões, que deviam ser já anachronicas entre nós, depois da época de conciliação, a que somos chegados.

O Sr. Dr. João Lins Cansanção de Sinimbú com a dignidade, que muito o honra, repelliu a aggressão do Sr. barão de Quaraim. Eis um trecho da resposta:

« Se o Sr. Pedro Chaves, barão de Quaraim, julga que a província do Rio Grande é propriedade sua, sem cuja licença ninguem pôde fallar em nome d'ella, é questão cuja averiguacão deixo aos filhos d'essa província, que me fizeram a honra de offerecer, em nome de seus habitantes, uma commenda de brilhantes; se esse mesmo senhor pensa que os serviços que em dois annos e meio de administração, prestei á província de seu nascimento, são tão fracos que não mereciam a honra d'essa demonstração, que tanto parece incomodal-o, além de não dizer nada de novo, porque fui eu o primeiro em reconhecer-o e dizer-o, é ainda tambem questão, que só pôde ser resolvida por aquelles, que concorreram para a mesma demonstração, que confesso immerita e exagerada. »

Esta polemica impressionou desagradavelmente o publico, porque repugna ver a dessidencia pessoal, enroscar-se na gerencia e na marcha das cousas publicas, mas é força confessar que o espirito publico aceitou com repugnancia a aggressão do Sr. Pedro Chaves, cujo espirito de egoismo e predominio politico na sua província, é de todos reconhecido, sendo esse o escolho, em que tem naufragado mais de uma illustrada presidencia: haja vista a retirada do Sr. barão de Muritiba.

Em nosso entender a commenda do Sr. Sinimbú em nada ficou manchada por este escandalo jornalistico. O Sr. Pedro Chaves, procedendo como procedeu, demonstrou que o incomodava essa manifestação; demonstração que podia ser um incentivo para as ulteriores administrações;

mas o Sr. Pedro Chaves o que nunca poderá provar, é que essa honrosa demonstração fosse jesuiticamente promovida pelo Sr. Sinimbú, ou que este senhor se valesse para esse fim da sua posição e influencia.

A *Semana*, promettendo aproximar-se dos factos mais notaveis da chronica semanal, e interpondo sobre elles uma opinião, acaba de exprimir-a com toda a lealdade e sem despeito ou sympathia pessoal, porque aos dois cavalheiros, a que acaba de referir-se nem ao menos os conhece de corteza.

Lemos a carta do Sr. barão de Quaraim, e a do Sr. Dr. Sinimbú: aquella pareceu-nos a explosão de um despeito e de um ciume politico, mal contido; esta revela a gravidade e a consciencia de uma conducta sem mancha.

Esta nossa opinião segue a opinião publica, que assim se tem manifestado a respeito do conflito jornalistico, que provocou o Sr. Pedro Chaves e repelliu o Sr. Sinimbú, desafiando o aggressor para que, na qualidade de representante da nação, lhe prove se na sua carreira publica, mediocre, mas honesto, ha um facto que o possa desdourar.

Quem falla assim tem todo o direito á estima e consideração publica, em quanto se não mostrar o contrario.

## O CLUB FLUMINENSE.

Esta proficia e vantajosa instituição vae medrando a olhos vistos, graças á sua acurada administração, e ao espirito publico, que comprehende em toda a sua extensão a utilidade d'este establecimento. A maneira porque elle está montado, a sua localidade, as proporções do edificio, vasto e arejado, o aceio e commodidades que se encontram nas suas decorações e mobilia, e a escolhida concurrencia que ali afluе a todas as horas do dia e até alta noite, tudo isto tem já tornado, em dois meses, o Club Fluminense como uma necessidade.

As partidas semanaes tem sido animadas e concorridas. A satisfação é geral em todos os concorrentes, porque o aceio, a ordem, o bom e prompto serviço, é uma triplice garantia do tino e da boa vontade administrativa dos emprezarios.

Fazemos pois os mais ardentes votos para que esta excellente instituição se mantenha, e progrida no ponto de vista esperançoso em que se acha, afim de que a capital do imperio offereça á nossa boa sociedade e ao estrangeiro, um ponto

de reunião para as mutuas relações das famílias, e para o trato urbano das relações sociaes.

Seja-nos agora permitido reclamar da empreza e directoria, a unica falta que ali temos encontrado. A sala de leitura está mui pouco dotada. Conviria ter os jornaes mais importantes dos diversos pontos do imperio, alguns de Portugal, e mais alguns de França. Ha tambem edições ilustradas muito baratas, que convinha ter ali para serem manuseadas e examinadas. Parece-nos que com o *Mercantil*, *Corrijo do Sul* e *Diario do Rio Grande*, que com o *Diario e Jornal* da Bahia, *Diario de Pernambuco*, *Diario do Maranhão*, *Bom Senso de Minas*, que com o *Jornal do Commercio*, *Diario do Governo*, *Revolução de Setembro*, *Ilustração e Panorama de Lisboa*, *Nacional do Porto*, que com a *Ilustração*, e *Paiz da França*, o *Times*, *Punch* e *Ilustração* de Inglaterra, a sala de leitura ficaria muito bem fornecida, e apta a satisfazer a curiosidade dos seus já numerosos assignantes.

Em vista do luxo e magnificencia do todo do estabelecimento, esta verba de despesa é insignificante e indispensavel.

Reiteramos os nossos votos pelo progresso do Club Fluminense.

## VARIÉDADES.

### THEATRO LYRICO.

Depois da primeira representação do *Atila* que, como dissemos não passou de um ensaio geral, a directoria deu-nos outra vez os *Herculos* e *Curiucios* em beneficio do Sr. Arnaud.

E tão conhecida esta bella opera, cujo assumpto todo historico, é já por habeis pennas descripto, que nos abstemos de narral-o.

O Sr. Arnaud teve bom gosto levando em seu beneficio uma das operas, que é o mais bello florão da corôa artistica de Mlle La-Grua.

Como da primeira vez esta bella *partitura* foi bem desempenhada, á excepção dos córos, que de vez em quando mostram o que são e o que valem.

N'essa noite consta-nos que se deram dois incidentes notaveis, um dos quaes deu motivo ao artigo do *Jornal do Commercio* com o titulo « caso novo. »

Diz-se que o Sr. Arnaud viera á porta da entrada das cadeiras, *caracterizado*, ordenar ao portero que deixasse entrar aquellas pessoas que se

apresentassem munidas de um bilhete com a sua assignatură, em vez de bilhetes iguaes aos que foram vendidos; mas que o Exm.<sup>o</sup> Sr. Inspector do theatro o mandara recolher aos bastidores, sob pena de o mandar pôr a bom recado, e que tambem mandara fechar o escriptorio do theatro por estar a vender cadeiras a tres mil réis, por ordem do beneficiado.

É tão censuravel o procedimento do Sr. Arnaud, quanto é digno de elogio o do Exm.<sup>o</sup> Sr. Inspector de quem se pôde dizer « *magistratum, indicat virum* » porque S. Ex. como sempre, se mostra sobranceiro a tudo, pugnando pela justiça, da qual é um honrado e intelligente defensor.

Ao beneficio do Sr. Arnaud seguiu-se a segunda estréa da Sra. Balbina Stefennone, com o *Ernani* de Verdi, o compositor ruidoso que ató certa época só se nutria com as tradições das escolas francesa e allemãa, mas que agora tem mostrado em recentes composições, quanto pôde o estudo e a vontade do homem que procura aperfeiçoar-se.

Se na phrase do escriptor da *Semanai do Jornal do Commercio*, o tablado do theatro lyrico, na 1.<sup>a</sup> representação do *Atila* foi envadido por uma horda de barbaros, nós diremos que o salão do mesmo theatro tambem o foi na 2.<sup>a</sup> estréa da Sra. Stefennone.

Era voz geral, que trezentos mil réis de bilhetes se tinham distribuido, assim de que a nova cantora fosse applaudida.

Este boato talvez fosse espalhado adrede.

Os espectadores que se dirigiam ao theatro eram assaltados por um sem numero de individuos, d'esses que o vulgo chama *cambistas*, e que nesse dia por todo o preço ofereciam bilhetes, (por conta de quem?... ignoramos).

O salão encheu-se (cadeiras e plateia); nunca porém vimos tanta cara desconhecida.

A Sra. Stefennone foi recebida friamente; quando porém no 1.<sup>o</sup> acto lhe deram uma roda de palmas, rompeu a pateada, que por vezes foi abafada.

Algumas pessoas capitaneavam grupos, d'esses que bem podem comparar-se áquelles que nas eleições são chamados invisiveis!

Essa noite foi fertil em episodios mais ou menos interessantes, mais ou menos ridiculos.

Aqui era um entusiasta de encommenda, querendo passar a vias de facto, apostrophando aquelles que não concordavam com elle: ali era um *dilettanti* adyogando a causa da artista: acolá

um estrangeiro appellidando o povo do Rio de Janeiro de *imbecil* e de canalha.

Havia entre estes ultimos um verdadeiro insolente, um D. Quichote, um Sansão, que desafiava a todos, e a todos dirigia insultos.

Sempre nos pronunciamos contra as pateadas. Censuramos esse meio de reprovação quando exagerado, que não é digno de um povo ilustrado, porque sempre se dão scenas desagradáveis, e se dirigem insultos tanto aos espectadores como aos artistas. Se todos seguissem o proverbio indiano como nós, que diz « *Ne frappez pas une femme.... pas même avec une fleur* » não haveriam scenas como as que se deram n'essa noite. Cumprę-nos emitir nossa opinião a respeito da nova cantora.

Nós o fazemos com imparcialidade.

A Sra. Stefennone apezar do seu merito já não é o que foi.

Que importa que tenha cantado nos principaes theatros da Europa e America, que tenha perfeito conhecimento da arte, se sua voz já está gasta, e rouquenha, sendo apenas supportavel nas notas medias ?

Uma vez que ella está contractada deve a isso limitar-se, está no seu direito; querer porém rivalisar com Mlle La-Grua, será uma louca pretenção, que a Sra. Stefennone de certo não tem.

A voz da Sra. Stefennone foi uma bella voz, hoje ella vibra com esforço, e torna-se desagradável ás vezes.

Preferimos Mme. Casaloni. Não sabemos por que se não contractou esta senhora, já conhecida e tão applaudida sempre, e que tantas saudades causa aos seus admiradores.

Preferem antes contractar a Sra. Stefennone, para depois jogarem as cristas com ella !!!

É muito provavel que Mlle. La-Grua tenha de pagar a pateada que foi dada na Sra. Stefennone.

A autoridade deve intervir todas as vezes que essas demonstrações forem acintosas, assim de que pacificos espectadores em vez de se divertirem, não assistam a essas scenas tumultuarias, que fazem do theatro uma praça de touros, onde nada se respeita, nem mesmo as Augustas presenças de SS. MM. Imperiales dignas de todo o acatamento e respeito.

O dia 1.<sup>o</sup> de abril esteve chuvoso, os jornaes annunciaram os *Horacios* e muitos que não tinham ainda ouvido Mlle. La-Grua n'esta partitura correram apressados para vel-a, arrebatada e delirante elevar-se á regiā do sublime.

Tambem nos aconteceu o mesmo.

Foi um verdadeiro *Poisson d'avril*, como dizem os Francezes, que a directoria offereceu ao respeitavel publico.

A representação foi transferida para o dia seguinte, quer chovesse ou não. E assim foi.

Os *Horacios* foram pela terceira vez levados á scena, e Mlle. La-Grua, a estrella d'alva do theatro lyrico, com quanto estivesse um pouco fraca, talvez em consequencia do mau tempo, cantou perfeitamente.

Não sabemos quem foi da lembrança de atirar de dois camarotes da quarta ordem, uma porção de flores em forma de chuva sobre a distinta cantora.

Pois não bastam os *bouquets* ?

Segundo o calculo de um paciente observador, já elles chegam para juncar todo o caminho que vai do Provisorio á residencia de Mlle. La-Grua !

As fitas unidas umas ás outras já tem mais comprimento, do que o fio do telegrapho electrico da corte !

O peior é que a seda das fitas é *ideo-electrica*, e por tanto, sem certas circumstancias não pode comunicar a electricidade dos admiradores exaltados de Mlle. La-Grua.

Ao menos se elles conhecessem as observações de Symmer, e soubessem estabelecer a adherencia electrica da seda, talvez lhe comunicassem o fluido electrico.

Mlle. La-Grua, é como esses corpos luminosos, que não manifestam nem attracções nem repulsões electricas.

Contentem-se com isso.

Z.

## O BEIJA-FLOR.

I.

Ha noticias e anedocas pittorescas, que aparecem nos jornaes diarios, como perilampos; e que no em tanto merecem ser archivadas. Como a abelha que esvoaça de um para outro lado, succe uma e outra flor, assim o nosso heijs-flor collectionará, traduzirá, ageitará, modificará e ampliará uma ou outra noticia ou anedocta importante: e d'esta sorte offerecerá aos leitores da *Semanas* alguns minutos de variada leitura.

Assim como no mel não se percebe, nem se nota o favo extrahido de uma flor especial, assim não citaremos a cada passo o jornal d'onde extrahimos, ou traduzimos, porque esta especie de litteratura anedoctica é de todos os jornaes.

Fazendo esta declaração, reservamo-nos o

unico merito da collecção e traducção; percorreremos os jardins, e colhendo as diversas flores as enfeixaremos e ataremos o ramalhete.

### Vesuvio.

De Napoles escrevem em 6 de janeiro.—Ha algum tempo que se fazem ouvir ruidos estranhos no seio do Vezuvio; já está aberta uma nova cratera. O que acontecerá depois d'isto? Algunhas pessoas julgam que o vulcão vae abysmar-se. O facto é que o coné principal se tem abaixado e mudado consideravelmente de forma. Hoje não é sem grande perigo que se tentam excursões ao alto da cratera, e todos os symptomas annunciam um acontecimento qualquer e proximo, quer seja uma erupção, quer um desabamento.

Será muito singular que nós tenhamos de presenciar acontecimentos como os da antiguidade; isto é, o Vesuvio abatendo e formando um lago do genero do de Fusaro e de Agnano.

### Sir John Franklin.

São tão interessantes todas as noticias que dizem respeito ao aventuroso e malfadado inglez sir John Franklin, cuja sorte provoca as sympathias de todo o mundo civilizado, que sempre procuramos comunicar aos leitores todas quantas encontramos.

As ultimas noticias dos Estados Unidos vêm confirmar a triste persuação do desdito sim do intrepido navegador.

O navio inglez *Resolute*, abandonado nos gelos do Arctico, foi conduzido ao porto de New-Haven.

A expedição arctica da bahia de Hudson, em procura de Franklin, voltou depois de ter visitado o lugar onde se diz que perecerá a tripulação do célebre navegador.

Fica inteiramente confirmada a relação do Dr. Bac. Na vizinhança encontraram-se esquimáos, que viram os brancos, e que forneceram preciosos pormenores.

Na ilha descobriram-se os restos de uma chalupa meia destruida pelos indigenas, para se aproveitarem da madeira e do metal; com tudo pelos restos se conhecia que pertencera á expedição. Lia-se n'un pedaço de madeira (actualmente em poder da companhia da bahia de Hudson, bem como outros objectos), a palavra *Terror*. N'outro fragmento vê-se gravado o nome de Mr. de Stanley, medico do *Erebus*. Este frag-

mento é o resto de uns sapatos proprios para andar na neve, de fabrica ingleza, e de madeira de carvalho. Nenhuns outros vestigios humanos, nem papeis, nem livros se encontraram.

Os esquimáos mostraram-se muito affáveis, mostraram tudo quanto tinham encontrado na chalupa; carnes salgadas, caixas, etc., mas nem um só papel. Declararam, com as apparencias da maior sinceridade, que nenhum haviam encontrado. Entre os objectos apresentados, notavam-se cordas com a marca do almirantado, os restos de uma bandeira, e um mastro, etc. Tudo isto é evidentemente europeu, e procedente das officinas de Londres.

### Armadilha á tenia.

Um jornal scientifico americano diz que o Dr. Olpheus Myers do estado de Indiana, inventara uma armadilha para apanhar a tenia. Consiste esta armadilha n'uma lamina delgadissima de prata ou de ouro, com uma molla e uma cavilha; no instrumento colloca-se um pedaço de queijo, que serve de isca para atrahir a tenia, a qual vindo comer o queijo desloca a cavilha, e põe em movimento a molla, ficando o parasita preso pela cabeça, como um rato na ratocira; um fio de seda segura a armadilha, o operador pucha o fio e a tenia começa a sair.

O enfermo deve jejuar durante muitos dias, só lhe é permitido beber agua quando tem sede; o botrio cephalo com o jejum do enfermo anda esfaimado, como é de suppor, por isso não admira que não abandone o seu poiso habitual nos intestinos para vir em procura de algum alimento: mexe-se e remexe-se no estomago, e a final atraido pelo cheiro do queijo, caha no laço que por muito tempo lhe esteve armado, pois que o Dr. Myers diz que ás vezes o instrumento está armado 10 e 12 horas. O doutor afirma que por esta nova especie de pesca á linha sacou do bucho de um paciente, uma solitaria com 50 pés de comprimento.

O jornal frances donde extraímos esta notícia diz que os americanos tecem, como os franceses uma particular predilecção por certo genero de noticias, a que estes costumam dar o nome de certo palmipede, e que é n'este genero que deve classificar-se a invenção do Dr. Myers.